

## O AXÉ DE JURAMIDAM: A ALIANÇA ENTRE O SANTO DAIME E A UMBANDA

*Jéssica Greganich<sup>1</sup>*

**Resumo:** O presente artigo pretende delinear a aliança entre o Santo Daime e a Umbanda a partir de uma visão eclética, especificando a Umbandaime no Rio Grande do Sul, nas igrejas de Porto Alegre, em parceria com um Centro de Umbanda, introduzindo uma discussão acerca do sincretismo, da bricolage e da butinage.

**Palavras-chave:** Umbandaime; Sincretismo; Bricolage; Butinage.

**Abstract:** The aim of this article is to discuss the alliance between Santo Daime and Umbanda from an eclectic point of view, dealing with Umbandaime in Rio Grande do Sul, in the churches of Porto Alegre, which maintain a partnership with a Centro de Umbanda. It leads to a discussion about syncretism, bricolage and butinage.

**Keywords:** Umbandaime; Syncretism; Bricolage; Butinage.

A Umbandaime é um neologismo criado pelos daimistas do CEFLURIS (Centro Eclético da Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra) para servir de referência ao estudo mediúnic dentro da doutrina do Santo Daime, a partir de uma aliança com a Umbanda. Esta vertente da Umbandaime dentro da linha do CEFLURIS é relativamente recente e não é incorporada por todas as igrejas daimistas. Considerada em pleno andamento, está se desenvolvendo e se adaptando de acordo com cada igreja, não possuindo ainda uma norma estabelecida. No Rio Grande do Sul, mais especificamente em Porto Alegre, a Umbandaime está se consolidando cada vez mais. Neste sentido, pretendo esboçar esta aliança a partir do meu trabalho etnográfico

---

<sup>1</sup> Psicóloga, com especialização em atendimento clínico ênfase em psicanálise. Mestre em antropologia social pela UFRGS e doutoranda em antropologia social pela UFRGS.

iniciado em 2008, procurando compreender o sincretismo presente nesse movimento introduzindo uma discussão teórica acerca da bricolage e da butinage.

## O SANTO DAIME

O Santo Daime é uma religião ayahuasqueira brasileira fundada por Raimundo Irineu Serra – Mestre Irineu, em 1930, em Rio Branco, no Acre. Quando o Mestre Irineu *fez a passagem* (faleceu), em 1971, o grupo religioso dissipou-se, devido à insatisfação de muitos fiéis com a nova diretoria. Assim, em 1974, Sebastião Mota de Melo – Padrinho Sebastião – funda o Centro Eclético da Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra (CEFLURIS). Atualmente, o CEFLURIS é comandado pelo Padrinho Alfredo, um dos filhos de Sebastião Mota, indicado por ele, ainda em vida, para ser seu sucessor espiritual e encontra-se presente em todos os estados do país e no exterior.

Os rituais do Santo Daime estão centrados no uso da ayahuasca – chá psicoativo de origem indígena conhecido como Daime. Mestre Irineu instituiu os rituais de concentração e bailado. O trabalho de Concentração faz parte do calendário oficial, ocorrendo todo dia 15 e 30 de cada mês. Nessa sessão, busca-se, através do silêncio, do relaxamento e da meditação, a conexão com o Ser interior e uma maior consciência do nosso Eu superior<sup>2</sup>, recebendo instruções valiosas para o seguimento espiritual. Os fardados devem

---

<sup>2</sup> De acordo com Groisman (1999, p. 54) o eu inferior está ligado às coisas terrenas, à satisfação das necessidades materiais imediatas e dos desejos egoístas. O eu superior é um eu espiritual, um eu divino. Estes estados de ser, chamados eu inferior e eu superior sistematizam a crença daimista na existência de um livre arbítrio. Todo espírito encarnado faz escolhas durante sua passagem pelo plano material. Neste sentido, tanto o eu superior, quanto o eu inferior fazem parte da natureza do ser humano. Porém, a vida cotidiana e ilusão do mundo material faz com que o ser humano privilegie as escolhas ligadas ao seu eu inferior. O eu superior, por isso, fica encoberto, inacessível. Com o trabalho espiritual, é possível conhecer o eu superior. Esta descoberta tem força de revelação da divindade interior. A revelação desta dimensão espiritual da existência modifica a visão de mundo do sujeito e o faz reinterpretar sua vida à luz dos novos significados. O eu superior é de onde emerge a nova interpretação dos caminhos até então percorridos, dando sentido a eventos e ensinamentos recebidos no passado, mas não compreendidos.

estar vestidos da farda azul<sup>3</sup> e o ritual dura cerca de quatro horas. O bailado é um trabalho festivo e, conforme Groisman (1999, p. 74), “[...] consiste em uma dança repetitiva, na qual a pessoa deve acompanhar, sincronicamente, o movimento coletivo, deslocando-se de acordo com o ritmo dos hinos e o movimento do grupo”. Os fardados devem estar vestindo farda branca e o ritual dura de oito a doze horas. O Padrinho Sebastião introduziu, na doutrina, o caráter comunitário, messiânico e apocalíptico, composto de trabalhos com incorporações, passes, voltados para cura e doutrinação de espíritos. Os trabalhos de cura compreendem diversos tipos: Trabalho de Estrela, Círculo de Cura, São Miguel e Cruzes. No tempo do Mestre Irineu, os trabalhos de cura eram, basicamente, de Concentração. Já o Padrinho Sebastião, acrescentou uma seleção de hinos que foi, aos poucos, se ampliando até chegar à atual versão do Hinário de Cura. O trabalho de Mesa Branca passou a fazer parte do calendário oficial a partir de 1997, sendo normalmente realizado no último sábado de cada mês. Possui grande influência do espiritismo Kardecista, no qual Padrinho Sebastião trabalhou um tempo como médium<sup>4</sup>, sendo também conhecido como *banca aberta*, já que se abre a mesa para receber todo e qualquer tipo de espírito. A Umbandaime não consta no calendário oficial e fica a critério de cada igreja. É um trabalho de gira com o Daime e, também, os outros trabalhos de *banca aberta* são considerados dentro da Umbandaime, visto que se dá passagem para as entidades do panteão umbandista.

A doutrina do Santo Daime pode ser definida como um movimento eclético, de caráter espiritualista, possuindo uma base cristã, combinada com tradições pré-colombianas, esoterismo europeu, crenças africanas e xamanismo indígena (Alverga, 1998).

Os daimistas definem a doutrina como possuindo uma origem cristã. A base da doutrina é a Sagrada Família. A Virgem Santa Mãe é a *Rainha da Floresta*, de quem Mestre Irineu recebeu o hinário Cruzeiro, que reinterpreta a cosmologia cristã, sendo considerado pelos daimistas o *Terceiro Testamento* ou a *Terceira Revelação*. A primeira revelação teria sido dada a Moisés, no

---

<sup>3</sup> Nome da vestimenta utilizada pelos adeptos da doutrina, chamados de fardados – os que vestem a farda.

<sup>4</sup> Aquele que faz o “meio de campo” entre a matéria e o espírito/mundo espiritual.

Monte Sinai, dos antigos profetas, concretizada no Antigo Testamento. A segunda revelação seria a do Mestre Jesus aos apóstolos, concretizada no Novo Testamento. A terceira revelação seria a de *Juramidam*, dada ao Mestre Irineu, que seria o próprio consolador prometido por Jesus, conforme diz o Evangelho de João. Então, os hinários são o *Terceiro Testamento*.

O hinário é considerado *uma nova Bíblia participativa*; é participativo, porque todos os membros daimistas podem receber hinos, mas nem todos recebem. “O hinário é recebido diretamente do astral, pois se considera que, no mundo espiritual, existe uma linha de trabalhos, cujos ensinamentos são transmitidos através dos hinos” (Cemin, 2002, p. 357). Os hinos devem ser consagrados em uma sessão. Consagrar é ser aceito pela irmandade, que avalia se este está dentro da linha de hinários que expressam os valores culturais e espirituais da doutrina e, desse modo, reconhece-se a pessoa que o recebeu como *dono* do hinário.

Assim, “a doutrina do Santo Daime é considerada, também, como uma ressystematização dos ensinamentos de Cristo” (Groisman, 1999, p. 17). De acordo com Goulart (2002), os conceitos do espiritismo kardecista juntam-se às concepções cristãs na organização das explicações daimistas para a construção de uma individualidade moral, como as noções cristãs de arrependimento e perdão, associada à ideia de disciplina; esta está relacionada a uma reorientação do comportamento numa nova moral, com base na noção kardecista de evolução espiritual, que se dá através de um conjunto de valores que é enfatizado com o reforço do catolicismo ortodoxo e que se mistura às crenças do curandeirismo amazônico.

Os daimistas consideram-se como fazendo parte de uma *doutrina viva*. De acordo com Alverga (1998, p. 23), é uma doutrina que ainda está se fazendo, “[...] que ainda não foi aprisionada na necessidade de se formular teologicamente”. Peláez (1994) utiliza a expressão *Centro Livre*, termo êmico que sintetizaria, para os daimistas, as suas características ecléticas e, ao mesmo tempo, significaria flexibilidade e abertura para continuar incorporando outras tradições que pudessem contribuir para o seu enriquecimento. Diz o *Livro de Normas de Rituais do CEFLURIS*<sup>5</sup>:

<sup>5</sup> Disponível em: [www.wmestreirineu.org](http://www.wmestreirineu.org). Acesso em: 20 de jan. 2010.

O ritual de uma doutrina viva é um guia, um mapa simbólico que nos ajuda a percorrer com maior facilidade os intrincados caminhos do conhecimento espiritual. Uma vez fossilizado, tanto o ritual quanto a doutrina podem se tornar um entrave, uma autentica camisa de força para os seus participantes. Por isso mesmo é que devemos evitar os extremos tanto de ignorarmos as prescrições tão sábias da tradição como a fossilizarmos a ponto de ficarmos presos a fórmulas ocas e exteriores. Nesse sentido deve haver sempre um zelo e um respeito em relação àquilo que foi prescrito pelos mestres, sem que isso impeça a tradição de manter o conteúdo de sua mensagem atual e útil para as diferentes necessidades de cada época (Cefluris, 1997, p. 2).

Nesse sentido, o Santo Daime apresenta uma flexibilidade em suas *adesões* cosmológicas religiosas, com uma proposta de união, de *somatização*, visando a um conhecimento espiritual universal e um amplo entendimento entre as várias religiões. Diz o hino da *Nova Anunciação*, de Alex Polari de Alverga:

Oxalá, Shiva, Juramidam  
Nesta noite vão se reunir  
Para firmar esta aliança  
Eterna para os tempos que hão de vir  
Eu sinto o perfume desta flor  
Jesus Cristo é meu Mestre Imperador  
O Oriente veio para o Ocidente  
E foi nele que tudo se encontrou  
Eu saúdo os Budas e Orixás  
E à glória deles todos dou louvor  
No Himalaia, nos Andes, na floresta  
Se escuta o rufar de mil tambor  
Oxalá, Shiva, Juramidam  
São João foi quem me revelou  
E o Mestre no final dos tempos  
No Santo Daime todos três triunfou

## A INSERÇÃO DA UMBANDA NO SANTO DAIME

“Viva o Rei Ogum/ele veio anunciar/que as linhas estão abertas/que é pra nós se aliar”<sup>6</sup>

A inserção da Umbanda no Santo Daime ocorreu no final dos anos 80, a partir da adesão das camadas médias urbanas, de *hippies* e mochileiros ao culto daimista. Padrinho Sebastião já realizava trabalhos de “Mesa Branca” e de “São Miguel”, frutos de sua experiência com o espiritismo kardecista. Este processo de inserção foi bem descrito por Alves Junior (2007), que foi marcado pela presença do macumbeiro Ceará, em 1977, na então Colônia Cinco Mil (Acre). Ceará permaneceu na comunidade daimista por sete meses, realizando consultas e trabalhos voltados para qualquer tipo de aflição, através de entidades espirituais (caboclos, orixás e exus), sacrifício de animais, cachaça, charuto, pólvora, galo e dança sobre cacos de vidro. Padrinho Sebastião e sua comunidade desordenaram-se em função da atração, do deslumbramento e da ilusão exercida pelo Ceará, culminando no seu assassinato pelos daimistas (julgados e absolvidos).

O desarranjo provocado na comunidade estava ligado ao discurso posteriormente apresentado pelo macumbeiro Ceará, do qual estaria travando um embate entre as forças do bem e as forças do mal. Ceará estaria do lado do mal, preferindo dar passagem para vários exus, significativamente o Tranca Rua guerreando com o Padrinho Sebastião, com o Daime, com a luz. Porém, as entidades do mal incorporadas em Ceará manifestavam o desejo de tomar Daime, o que provocou a perda das forças de Ceará e sua consequente derrota. Ocorrendo o “desvelamento de seu feitiço”, as mulheres da comunidade anunciaram seu envolvimento com o macumbeiro que foi assassinado pelos maridos traídos. Todavia, a guerra não terminou com a morte do macumbeiro, pois o Exu Tranca Rua passou a obsediar o Padrinho Sebastião, marcando um período de imensas dificuldades, de muitas doenças como a malária. Essa batalha astral foi vencida com tra-

---

<sup>6</sup> Hino 5 da *Nova Anunciação*, de Alex Polari de Alverga. Este hino também é cantado nos trabalhos do Centro de Umbanda que faz parceria com as igrejas daimistas de Porto Alegre.

balhos de Estrela (que já havia sido demandado pelo Tranca Rua quando Ceará era vivo), de São Miguel, visando à doutrinação de espíritos a partir da incorporação<sup>7</sup> mediúnica. A batalha finalmente termina após três anos, quando o Padrinho Sebastião, entre a vida e a morte, manifesta a entidade do Ogum Beira-Mar, que anuncia a doutrinação total do Exu Tranca Rua do Ceará, que firma uma aliança no astral com o Padrinho, que passa atuar a serviço da doutrina.

Neste sentido, os daimistas interpretaram esses acontecimentos como a vinda de um feiticeiro, um verdadeiro mago das trevas, que comandava uma legião de *exus não-doutrinados, exus pagãos*, para ensinar a destrinchar as forças do mal, já que as entidades das trevas aparelhadas por ele, ao tomarem Daime, eram doutrinadas. Sendo iluminados, abandonavam as práticas malévolas, com a ajuda do panteão umbandista que passou a ser incorporado à doutrina e referenciado nos hinos. Assim, os daimistas entenderam que existe um outro lado da espiritualidade, a partir de uma dualidade entre a luz e as trevas, e os trabalhadores, a serviço da lei de Deus, estão em todas as partes. Os exus são esses espíritos que, ao contrário de outros, trabalham em regiões densas da espiritualidade, as trevas, ou umbral (ou até mesmo inferno para alguns). Não significa que todos sejam malévolos, demoníacos, e sim agentes de lei divina que controlam essas regiões e nos protegem de seus ataques, trabalhando a fim de contribuir com o equilíbrio espiritual.

A Umbandaime foi legitimamente incorporada a partir da aliança de membros de um terreiro de Umbanda, comandado pela mãe-de-santo Baixinha à Igreja Céu da Montanha, fundada em 1984, no Rio de Janeiro. Em 1985, Padrinho Sebastião os visita, fortalecendo esta aliança, da qual resultou no fardamento da Baixinha e de seus *filhos*. Com Alex Polari de Alverga, a Baixinha estabeleceu trabalhos de banca e giras, inclusive na outra igreja daimista carioca Céu do Mar, que foi fundada em 1982. Posteriormente, Baixinha leva a Umbandaime ao Céu do Mapiá, sede geral da doutrina,

---

<sup>7</sup> Incorporação não é uma palavra adequada para os daimistas, mesmo que ainda utilizada por muitos, pois remete a *entrar pra dentro*, e sim aparelhamento, visto que o médium é consciente, ele ouve e percebe que o que vai falar não é seu, que há uma inspiração dentro dele, uma força que o dirige. Ele é apenas um veículo dessa força, um aparelho.

resultando na criação de uma igreja daimista umbandista no Rio de Janeiro, comandada pela própria Baixinha, o Terreiro Lua Branca.

Conforme dito pelo Padrinho Alfredo, o Daime e a Umbanda andam juntos. Porém, a Umbanda não está no calendário daimista, de forma que não existem datas específicas para realização de trabalhos de Umbanda, ficando estes a cargo da igreja daimista e do dirigente em questão, pois muitas igrejas não toleram a Umbandaime, apesar de já consagrada no Santo Daime CEFLURIS, resultando assim em variações de seus rituais.

## A UMBANDAIME NO RIO GRANDE DO SUL

Como no Rio de Janeiro, com a mãe de santo Baixinha e a união de seu terreiro com a igreja daimista e, posteriormente, a criação de sua própria igreja; em Porto Alegre, também encontramos um movimento no mesmo sentido, a partir do fardamento do cacique<sup>8</sup> Luiz, há sete anos na igreja daimista Céu do Cruzeiro do Sul. A comunidade do Cruzeiro do Sul localiza-se na estrada do Canto Galo, 2805/a, bem na divisa entre Porto Alegre e Viamão. Foi fundada há 21 anos e seu patrono é o Tio Chico Corrente<sup>9</sup>. Atualmente, é comandada pelo padrinho<sup>10</sup> Édson. O Tio Chico Corrente é quem mais faz as aberturas das terreiras nas igrejas do Santo Daime, e com quem Luiz esteve na sua primeira gira ocorrida na igreja Chave de São Pedro<sup>11</sup>, aprendendo a grande semelhança com os trabalhos de desenvolvimento mediúnico realizados na Umbanda.

Luiz tem 65 anos e é cacique há trinta anos. Atualmente, dirige o Centro Espírita de Umbanda (C.E.U) Sete Raios de Luz, também chamado de Casinha por seus adeptos, localizado na rua Dona Alzira, no bairro

---

<sup>8</sup> Ou sacerdote da Umbanda. Pai de santo é específico do candomblé.

<sup>9</sup> Nasceu em 20/07/1948. Acompanhou o Padrinho Sebastião na criação da igreja da Colônia Cinco Mil, no Rio do Ouro e no Mapiá. Foi encarregado por ele a gerencia da Cinco Mil. É considerado um *capitão-do-mato da doutrina*.

<sup>10</sup> Designação para o *sacerdote* da doutrina. Também refere-se ao dirigente, comandante de cada igreja.

<sup>11</sup> Outra igreja daimista localizada em Porto Alegre.

Sarandi, em Porto Alegre. O Centro foi fundado em 31 de março de 1999. Ele tem atendimento ao grande público essencialmente às terças, quartas e quintas-feiras, chegando a atender mil pessoas por mês. Às terças-feiras à noite, realizam-se trabalhos com Pretos Velhos, a partir de passes e consultas, nos quais se indica a necessidade de trabalhos e demandas. As demandas referem-se aos atendimentos às quintas-feiras à noite, com os caboclos, também chamados de trabalhos de desobsessão. Às quartas-feiras à tarde, trabalham as entidades de Pretos Velhos, sendo esses atendimentos distribuídos entre passes e consultas com ênfase na presença do Povo do Oriente, visando ao apoio psico-físico-emocional. Por exemplo, quando eu consultei na terça-feira à noite, com o Preto José, ele me indicou três trabalhos e três desobsessões. O trabalho era voltado para cura e foram utilizados uma vela branca, uma vela rosa, duas rosas cor de rosa, perfume de alecrim, dois papéis brancos e dois papéis rosa, sendo realizado com São João Batista, representante do Povo do Oriente. Fiquei deitada num colchonete no chão, parte dos papéis (um rosa e um branco) foram colocados na minha cabeça como um *turbante* e a outra parte foi posta sob a minha barriga; uma vela ficou acesa na minha cabeceira e a outra sob os papéis na minha barriga. Fiquei segurando uma rosa em cada mão e fui banhada pelo perfume. Posteriormente, todo o material foi enrolado nos papéis e despachado.

Sábado à tarde, acontece o trabalho de desenvolvimento especificamente para os médiuns da casa. O trabalho de desenvolvimento dura três anos. O centro tem por fundamento a prática do bem e a caridade, para que o assistido, de acordo com a lei do merecimento, alcance o desejado.

Dentro da Umbandaime encontramos os trabalhos de mesa branca e gira. A gira é um trabalho típico de Umbandaime, de abertura para o trabalho das entidades umbandistas. No Rio Grande do Sul, cada igreja<sup>12</sup> possui o seu terreiro de chão batido, em baixo de árvores, normalmente na mata. As giras ocorrem, em média, uma ou duas vezes por ano, numa terreira escolhida, na qual os participantes de todas as igrejas daimistas e do centro

---

<sup>12</sup> No caso estudado: Chave de São Pedro, Céu do Cruzeiro do Sul – ambos em Porto Alegre e Céu de São Miguel, em Dois Irmãos. No Rio Grande do Sul, também temos a igreja de Cachoeira do Sul, que ainda não possui sua terreira.

de Umbanda se reúnem. O ritual acontece, preferencialmente, num sábado durante o dia – manhã ou tarde. É mantida acesa uma fogueira na entrada da terreira. Os participantes devem estar vestidos de roupa branca e pés descalços, ficando dispostos em círculo com homens de um lado e mulheres de outro. Os músicos e as puxadoras ficam num canto, separadamente. São cantados hinos e pontos do Daime e da Umbanda com instrumentos musicais como violão, tumbadora e bongô. Há uma diferença entre pontos e hinos. Explica o Luiz<sup>13</sup>:

O Padrinho Sebastião determinou um caderno chamado de pontos-hinos. E pra minha surpresa esses hinos eram estruturados assim: pontos-hinos. Na Umbanda tem uma diferença, sempre é tudo ponto e lá no Daime tem pontos e tem hinos. A diferença é que os hinos tem um padrão musical permanente: as marchas, as mazurcas e as valsas, uma coisa tradicional até da musicalidade lá do norte, nordeste, enquanto que na Umbanda tem um tom assim que várias casas mudam esse tom. Por exemplo, aqui nós não usamos tambor e em muitas casas de Umbanda se usa tambor. Tá certo, não tá errado. É que cada casa, cada corrente que não usa, porque o tambor acelera bastante a mediunidade, é bom para incorporação, mas para minha visão, pros voos altos, Oxalá, quando eu dirijo a gira no Oxalá, eu peço para parar os tambores. Pra minha surpresa, esses hinos em pontos eram ordenados por falange, pontos de Ogum hinos, pontos de Iemanjá. Aí eu vi aquilo e é como nós. Porque nós aqui no desenvolvimento mediúnico, sábados à tarde, a gente canta todas as falanges pra ver quem vai chegar nos aparelhos, nos médiuns. Aí, quando eu vi isso, olha aqui a primeira similitude.

O comandante da gira não precisa, necessariamente, ser cacique, pai-de-santo ou chefe de terreiro, mas se tiver um fardado que também o seja é muito bom, com a presença da abertura e do fechamento do padrinho e madrinha da igreja, visto que é preciso firmeza e domínio, pois acontecem muitas variáveis durante o trabalho. Neste sentido, quase sempre as giras são dirigidas pelo Luiz, pelo seu caboclo – o Cobra Coral, que é o mesmo

---

<sup>13</sup> Entrevista concedida em doze de abril de 2011. Todos os depoimentos seguintes se referem à entrevista do Luiz, exceto o que é referenciado como *informante*.

que dirige os trabalhos de seu centro de Umbanda. Porém, na última gira, ocorrida no final do ano de 2010, após sete anos de trabalhos daimistas, apareceu outro caboclo, através do aparelho do Luiz para dirigir. Veja o que o Luiz diz sobre:

Comigo aconteceu uma coisa interessante, porque eu trabalho com o Cobra Coral, todos trabalhos fui eu, foi ele que eu trabalhei, né, aí de repente um outro caboclo se apresentou, era um Oxóssi também, porque eu tenho facilidades com Oxóssi, porque tem toda a história do médium também, eu sou taurino, o planeta é Venus, então a linha do Oxóssi bem integrada. Aí chegou um outro caboclo que não esse aqui e dirigiu o trabalho quando nós fizemos a última gira no ano passado no São Miguel, esse caboclo chegou e falou com o padrinho Alan: “eu vim e vou dirigir o trabalho”. No final desse trabalho, o Alan veio e falou comigo; disse assim: “quando teu caboclo chegou, eu vi que era um caboclo muito do Daime”. Tem até uma discussão nos fóruns da internet se o caboclo que tu recebe no Daime é o mesmo da Umbanda. Eu tô bem nesse aprendizado. Quando o meu se apresenta, que já dirigiu vários trabalhos era esse aqui, agora aparece esse outro o “Folha Verde”. Já o Preto Velho sempre foi outro. Aqui eu recebo o Pai João, lá no Daime eu recebo o Pai João da Mata. Ele é mais solto, ele é mais alegrão. Eu fico especulando, seria o mesmo e o Daime soltou ele mais? Como é que é isso, né? É um estudo que tá em andamento ainda. Tem uma linha que diz que tem caboclos, pretos velhos, crianças próprios. Já criança, eu sempre recebo o meu daqui, o Pedrinho, no Santo Daime é o mesmíssimo, não muda nada. Então, é um estudo que está em andamento ainda.

A gira é aberta como o ritual daimista, com três pais-nossos e três ave-marias intercalados; em seguida é feita a prece de caritas e a distribuição de Daime, seguindo para a chamada das entidades. Não existe uma única ordem correta de chamada das entidades nas giras, sendo estas variáveis conforme a força do ritual. De acordo com o Luiz, primeiro devemos saudar os protetores da porteira, para que nada possa vir de fora interferir no trabalho espiritual. Neste caso, os Exus tomam conta da porta para fora e o pai Ogum da porta para dentro da casa. Assim, saúda-se aos Exus, inicialmente, e depois a Ogum. A sequência dos chamados, daí por diante, varia

de casa para casa e, ao final, tanto podem vir limpar a corrente os Exus ou os Erês (crianças) com sua alegria (trabalhando, incorporando nos médiuns), descarregando qualquer energia mais densa que tenha ficado. A chamada inicial não é para os trabalhos com os Exus, mas sim para pedir licença para a corrente trabalhar. Como é necessário ter um conjunto de hinos, quem estiver sintonizado ou autorizado pelo padrinho da igreja faz a seleção. Como exemplo, numa gira no São Miguel, havia a seleção e, na hora, por intuição, foi decidida a ordem: primeiro as forças de limpeza e proteção e cura, com Oxóssi, Xangô, Ogum, Omolu e Yansã; seguindo com as mães: Oxum, Yemanjá, Nanã. Depois, Oxalá só com vozes e por fim as Crianças.

O centro de Umbanda do Luiz trabalha com a linha da Umbanda Branca e, neste sentido, não são recebidas certas entidades. Porém, os trabalhos de gira são ecléticos, somando as linhas da Umbanda Branca, Umbanda Cruzada e Nação. Diz o Luiz:

Aqui também nós não trabalhamos com a linha de Iemanjá velha, que são as Nanãs, que é um aparelhamento maravilhoso, que é uma luz só. A Nanã incorporada não precisa nem falar, a coisa sai da gente pra pessoa. Mas como a Nanã também trabalha perto do Omolu e perto da barra do cemitério e pá pá pá, na linha branca de Umbanda nós não mexemos com ela. Mas é uma coisa bonita desse estudo de como se manifesta com o Daime essa linha como o Omolu que é uma linha bem africana e essas linhas mais tradicionais do Xangô, Iemanjá, Oxum. Então, no Umbandaime soma tudo e se apresenta tudo, vai também da condição mediúnica e da percepção. Eu compreendi que somos aparelhos universais e até no Daime muitas vezes acontece assim, chega um irmão que tem uma ligação grande com Ogum e daí ele acha que ele só vai receber Ogum e ele aparelha Ogum nos trabalhos. Então, uma parte da missão que tem nos cabido é que nós vamos lá e os médiuns aqui pegam todos, né? E eles perguntam como é que é isso? É isso, nós somos aparelhos universais. Então, conforme a necessidade e a presença do trabalho que tu está, vai chegar o Omolu, se for preciso, vai chegar uma linha de Oxalá que é uma linha muito elevada.

A intenção de um trabalho de gira é que todos tomem Daime e todos aparelhem, mesmo aqueles que nunca tiveram este tipo de manifestação,

visto que o Daime aflora a mediunidade, através de sua atuação sobre os chacras<sup>14</sup>, possibilitando esse desenvolvimento mediúnico a todos que participam dos trabalhos daimistas. Cada indivíduo tem um chacra mais ou menos aberto, determinando mais a presença de Iemanjá, Oxum, Ogum e, no momento que o Daime abre isso, as pessoas aparelham. Portanto, o Daime atua em todos os chacras, além do indivíduo compreender suas ações, porque que é primeiro esse ou aquele chacra – sempre há alguns bloqueados e outros abertos e, nesse caminho do Eu Sou, do Eu Superior, o sujeito deve estar muito integrado e o Daime ajuda com a presença desses seres espirituais.

Os daimistas pertencentes à linha da Umbandaime acreditam que na própria estrutura do trabalho sempre existiu o chamamento das entidades, mesmo na linha do Mestre Irineu, referente ao trabalho anterior ao Padrinho Sebastião, em que não há incorporação. Assim, havia esse chamamento de seres no hinário do Mestre, por exemplo, o hino 63 – Princesa Soloína e outros, citando vários nomes próprios da região Amazônica. O hino 33 – Papai Velho<sup>15</sup> é interpretado como um Preto Velho falando e depois o Padrinho Sebastião *soltou mais a coisa*. Deste modo, a Umbandaime abre a possibilidade desses seres atuarem num trabalho com finalidade de cura. Esses seres protetores auxiliam na limpeza e harmonização do aparelho, na caridade, na evolução e no aprendizado. A diferença de aparelhar com o Daime e sem o Daime é que o Daime, sendo um veículo expensor da consciência, facilita bastante. Então, o sujeito tende a ficar mais fortemente aparelhado, incorporado com a presença do chá, enquanto que numa sessão normal de Umbanda prescinde de mais ritual, de um preparo maior, de mais desenvolvimento. A força com que as entidades chegam é muito maior: *como se não houvesse mais nenhuma barreira, que seriam os planos, para*

---

<sup>14</sup> São pontos em que se ligam o corpo físico e o corpo astral, ou sutil, e centros de energia física. São sete chacras principais.

<sup>15</sup> Papai velho e Mamãe velha/vós me dê o meu bastão/sou eu sou eu sou eu/com minha caducação/até que enfim até que enfim até que enfim/eu recebi o meu bastão/pude me levantar/com minha caducação/reduzi meu corpo em pó/o meu espírito entre flores/sou eu sou eu sou eu/ filho do rei do amor/mamãe velha sempre dá/papai a caminhar/sou eu eu sempre digo/eu nasci em Natal.

*quebrar um pouco daquela energia, tal efeito que se assemelha a de um meteoro vindo do Universo ao encontro da Terra*<sup>16</sup>. É muito comum as incorporações no Daime serem acompanhadas de mirações<sup>17</sup> intensas, o indivíduo está aparelhando e ao mesmo tempo esta mirando a entidade. De acordo com o Luiz, são pouquíssimos médiuns de seu C.E.U que veem as entidades, mas quase todos aqueles que vão no Daime têm essa vidência.

Uma das vidências bem interessantes que eu troco informações com os irmãos é que tu aparelha e daqui a pouco tu enxerga a entidade. A pergunta é onde que tu tava? Tu sentiu que tava incorporado e tu enxergou a entidade, é que o Daime te propiciou sair e tu enxergar em ti. É uma coisa fantástica, falando parece uma loucura, mas acontece.

Deste modo, o exercício da mediunidade é único no Daime, pois o indivíduo está exercendo a mediunidade de incorporação, sob o efeito do próprio Daime, que arregimenta a legitimidade da incorporação. Veja o depoimento do Luiz:

O Daime surpreende muito, porque o irmão aparelha lá e não importa o passado dele, se ele tem preparo ou não, nós botamos gente na frente dele, gente pra tomar passe, pra consultar. Aqui na Umbanda no primeiro ano nós não colocamos pessoas na frente. Primeiro o médium tem que estar bem preparado. No segundo ano ele vai ser passista, o caboclo dele vai trabalhar nas demandas. No terceiro ano, que ele vai dar consulta. Não que as entidades não pudessem, mas para firmar o aparelho. Já no Daime pelo transe mediúnicos proporcionado pelo Santo Daime, a legitimidade que ta expressa é tão grande ali que se permite. Até porque muitos que estão participando de uma gira também tomaram. Então pode ir lá na frente. Eu já levei médium meu que tá desenvolvendo aqui e o que que tem? Isso eu aprendi lá, né. Que que tem? Ele tá aparelhando dentro da força do Santo Daime.

---

<sup>16</sup> Informante.

<sup>17</sup> Nome dado para as visões contempladas sob a força do Daime.

Assim sendo, na gira todos os participantes tomam Daime e aparelham, podendo dar consultas e passes, sendo aparelhagens conscientes (não é lembrado de tudo, mas de grande parte), pois esta traz o aprendizado, se não “tanto faz se é um humano ou uma cadeira”.

Eu posso dizer que tem aqueles médiuns tão durão, tão necessitados de aconselhamento que nós ficamos recebendo Preto Velho que dá exemplo, que dá conselho pra um monte de gente e muitos servem pra nós e nós estamos ali ouvindo.

É colocada, no dia da gira, uma pequena mesa de madeira, como um altar do centro ou uma pedra, que serve de mesa, na qual temos a cruz de caravaca<sup>18</sup>, uma vela acesa e uma garrafa de Daime que será distribuída pelo padrinho aos participantes. O ritual possui um despacho de Daime para o aparelho e, no decorrer da sessão, as entidades quando descem pedem para tomar Daime e batem cabeça para ele nessa mesa/altar que acaba se tornando um congá. Quando o sujeito está aparelhado, a bebida tomada é para a entidade e não para o aparelho. “É uma coisa maravilhosa de perceber, eles tomam aquilo e parecem que já tomaram ou quando tiveram vida aqui na terra tomavam e aí ele pediu para riscar o ponto dele. Lá dentro do trabalho do Daime pra o caboclo se identificar quem era”.

O ponto riscado é a designação para os símbolos riscados pelos caboclos como forma de identificação, de marcar um ponto local e de fixar sua vibração. São símbolos que trazem a força da natureza representada pelo sol, pela lua, pela estrela, pela água, pela flecha, pelo machado etc. Na Casinha, a entidade risca o ponto com giz no chão, bem à sua frente. Na gira daimista, não necessariamente há ponto riscado, visto que esses símbolos são cantados, diferenciando apenas o modo de demonstrar. Deste modo, a entidade riscar ponto, quando *assenta*, não é uma regra ou comportamento corriqueiro nas terreiras daimistas. Em algumas, o ponto nunca é riscado; em outras, às vezes, e, em algumas, sempre; normalmente não existe um

---

<sup>18</sup> Ou Santo Cruzeiro, é a cruz que possui dois braços sobrepostos, sendo o de cima maior que o de baixo. É um dos principais símbolos daimista, significa a volta de Cristo, o Mestre Irineu, bem como o trabalho do discípulo sobreposto ao do Mestre.

local definido. Nas giras, no Rio Grande do Sul, os pontos normalmente são riscados e colocados na frente da referida mesa/altar.

A gira é encerrada como os fechamentos dos trabalhos de concentração e bailado, tendo o cuidado de averiguar se todos estão bem.

Os trabalhos de mesa branca normalmente ocorrem no último sábado de cada mês, na igreja de cada comunidade daimista, durando cerca de seis horas. A mesa branca ou banca aberta, como também é conhecida, que é a expressão quando o dirigente do trabalho diz *a banca está aberta*, está, então, permitida a incorporação. Neste sentido, os trabalhos de Estrela, de Cura, de São Miguel acabam sendo trabalhos de banca aberta e os trabalhos de concentração e bailado são de banca fechada. Portanto, abrir a banca significa que os membros participantes que aparelham estão autorizados a dar passagem e, também, que o lado espiritual pode se manifestar. O dirigente do trabalho – o padrinho – é quem dá o comando e também fecha a banca. Teoricamente, qualquer pessoa poderia receber alguma entidade no meio do trabalho de banca aberta, mas como se trata de um trabalho de doutrinação espiritual deve haver um esforço em dar passagem às manifestações de cura e atentar à fiscalização da casa que possui seu direcionamento que ordena o momento certo de cada tipo de manifestação.

Os trabalhos de banca aberta iniciam com a oração do Daime (composta por uma seleção de hinos que abrem todos os trabalhos daimistas), passando para um momento de orações espíritas (prece para o começo da reunião, prece para os médiuns e prece para afastar os maus espíritos – todas de Allan Kardec). Posteriormente, inicia a parte dos caboclos e entidades<sup>19</sup> e depois retorna para os hinos de fechamento daimista – o Cruzeirinho –, sendo este um momento bem alegre, em que todos de pé, em círculo, veem-se para firmar a corrente. Assim, quem ainda não voltou vai voltando e se firmando novamente. Encerra-se com as rezas finais. Na igreja do Canta Galo, o padrinho Édson abre e fecha os trabalhos de banca, mas na parte de incorporações do trabalho ele entrega o comando para o caboclo do Luiz.

---

<sup>19</sup> Podem ser entidades, seres de qualquer religião. Por exemplo, no Céu de São Miguel, uma fardada sempre aparelhava um tipo de réptil, um ser extra-planetário. No hinário de São Miguel, comumente *desce* a falange de Miguel, que são soldados de luz.

Para que um trabalho transcorra em paz, harmonia e equilíbrio e para que as entidades espirituais possam atuar em benefício das pessoas, é preciso que a tronqueira<sup>20</sup> esteja firmada, porque assim ativada, ela é um portal para o vazio relativo regido pelo Exu guardião ligado ao orixá de frente do médium dirigente do trabalho. Um Exu guardião é assentado na tronqueira, do lado esquerdo de quem entra no salão da igreja, e vários outros são firmados dentro dela, sendo que estes estão ligados a outros exus guardiões de reinos e de domínios regidos por outros orixás. Os outros não podem ser assentados, senão dois vazios relativos se abrem *ao redor* do espaço espiritual *interno* da igreja, e a ação de um interfere na do outro. Um só exu guardião é assentado, e todos os outros são apenas firmados na tronqueira, pois, se dois forem assentados na mesma, a ação de um pode interferir na ação do outro vazio relativo aberto no *lado de fora* da igreja. À esquerda de quem está do lado de dentro do espaço ritual voltado para a porta da rua. Quanto ao terreiro, deve-se acender apenas a vela do cruzeiro. Não é regra ter o ponto na porta da rua, é opcional e a casa de exu não pode ser dentro do salão, tem que ser sempre do lado de fora, ao lado esquerdo da entrada.

Cada igreja tem uma maneira certa de trabalhar, de acordo com sua demanda. Por exemplo, a busca da cura de câncer de uma mulher no São Miguel, onde durante o ritual ela permaneceu deitada num colchonete e várias entidades foram dar passes e trabalhar nela, e o caso de uma fardada que, no momento em que perdeu a guarda do filho ao pai, pelo fato dela e o menino frequentarem o Santo Daime, foi realizada uma mesa branca para destrinchar essas energias de litígio.

Cada grupo tem sua metodologia para dinamizar a evolução do seu trabalho que, por ser eclético, tudo pode ser feito, desde que respeitando a resolução da casa.

A incorporação no trabalho sempre vai depender da ordem do comando de cada igreja. Se o padrinho não dá o comando, o médium deve segurar as entidades que querem chegar, exigindo uma disciplina mediúmica. Como já referido, os trabalhos do Santo Daime vão *afinando* e iluminando os

---

<sup>20</sup> A tronqueira é um espaço para cuidar dos espíritos trevosos. Foi inicialmente criada na mata, na Colônia Cinco Mil, a partir da solicitação do Exu Tranca Rua do Ceará.

chacras, ocorrendo um afloramento da mediunidade. Acontece que esses seres acabam se apresentando em todos os trabalhos daimistas. “*Tu fica, por exemplo, de fiscal<sup>21</sup> na porta ou mesmo de fiscal no salão, tu sente a diferença que tu tá acompanhado e mesmo irmãos que não estão com a sua mediunidade trabalhada eles percebem que tem um ser espiritual que está com eles, daqui a pouco eles aparelham*”. Igualmente, acabam ocorrendo incorporações em trabalhos de banca fechada que precisam ser disciplinadas, sabendo os momentos certos de dar as passagens. Existe uma diferença de quem está com a mediunidade aflorando e de quem está com a mediunidade já estudada – o *médium tarimbado*. Nesse sentido, aqui no Rio Grande do Sul, recomenda-se respeito com esses irmãos, paciência, doutrina, esclarecimento e instrução (importância de fiscais bem preparados). O padrinho Édson diz que *não se deve aparelhar, mas se um irmão lá aparelhar, vamos cuidar, vamos respeitar porque aconteceu, ali que precisava, mas aí a regra geral é que não*.

Quando as manifestações perturbam os trabalhos, estamos na presença de seres de pouca luz, chamando a atenção e desviando irmãos do sentido verdadeiro de se encontrar com seu Eu Superior, com Deus. Muitos chegam ao Daime carregadíssimos, com todos os *seus demônios*, com seus obsessores, e num trabalho daimista eclode, eles vêm pra fora, pois, se estão se manifestando, é porque é preciso descarregar o médium, sendo importante os irmãos estarem bem firmados no Daime: *É toca seu maracá e fica firme e o demais vai ser tratado pelo acompanhamento espiritual da casa*. O padrinho Édson fala: *O Daime leva, o Daime traz, ninguém deve se assustar, porque dentro do próprio trabalho o irmão vai tratar*. Uma vez ou outra, os médiuns experientes, como o Luiz, aparelham diante a necessidade do irmão, para ficar perto dele. Já observei no Céu de São Miguel, o padrinho Alan dando uma dose a mais de Daime ao manifestado, como forma de doutrinação. Se o ser é de luz, toma e se aquieta, se não é, se recusa a tomar. Também, se encaminha o médium ao Cruzeiro, para que se faça a limpeza da “história” e este possa voltar numa boa ao trabalho; se a pessoa ainda estiver em alguma

---

<sup>21</sup> Fiscal é o nome dado ao fardado que recebe a função específica de ajudar durante uma sessão no bom andamento dos trabalhos auxiliando os participantes em *perreias* (situações difíceis) e zelando pelo cumprimento do ritual.

“passagem”, encaminha-se ao quarto de cura, até que esteja em condições de se recompor.

O trabalho de quinta-feira à noite, na Casinha, é um trabalho de demanda, de desobsessão. São os caboclos em pé, com pontos riscados no chão, puxando os “demônios” das pessoas que “*vem feio*”, em atuações, manifestações, mas estão sob controle dos caboclos e da proteção da casa. Num trabalho como esse, vem para fora e passa no médium, a partir de uma física espiritual, o médium ta preparado e a Umbanda tem seus rituais, indo para a natureza, para o mar, para mata, ficando o médium “*bem limpinho*” depois. Então passa da pessoa para o médium indo embora e não voltando porque essa física da passagem faz com que aquele ser se desligue e a pessoa sai limpa.

E lá no Daime, o próprio Daime faz a limpeza. O poder da corrente porque o Daime é extremamente, aqui também é muito cantado. Esse trabalho aqui de quinta se canta um único ponto o tempo todo. Então o trabalho dos irmãos firmes lá tocando seus instrumentos musicais, os maracás e o canto vai fazer com que esse ambiente, faz com que haja proteção, do irmão ver lá suas vidas passadas e de vez em quando um de nós que tá mais firmado assim, nesse trabalho de Umbanda vai lá dá um passe, ajuda a processar ali. Por isso temos que ter muito cuidado ali, os fiscais têm que ter muito cuidado de não interferir além do ponto, né. O irmão tá ali se estribuchando e tal vamos cuidar que ele não se bata, que ele não bata a cabeça e tal, mas vamos com calma, porque ele tá sendo trabalhado ali, ele e os seres que o envolvem.

Muitos no Daime têm visão dos obsessores dos irmãos, requerendo um cuidado enorme de revelar ou não. Deve-se, de preferência, ficar quieto, observando se eles vão sair ou não, raramente interferindo, deixando o Daime trabalhar. Dependendo da situação, pode avisar: “ó, meu, te cuida aí, vê o que tá acontecendo, vai perceber o que tu tá atraindo”, mas, diferentemente da Umbanda, no Daime, isso é delicadíssimo. Cada órgão humano tem um ser e quando existe uma doença, os seres negativos estão dominando ali e as fixações, as cargas mais pesadas também estão nos chacras. Assim, todo trabalho de Daime acaba sendo um trabalho de cura, desobsessão e caridade e na Umbanda também.

Como no Santo Daime não tem uma sequência de trabalho de banca aberta, eles ocorrem, em média, uma vez por mês, dependendo do calendário oficial. Então, muitas entidades chegam e falam para seus aparelhos que querem trabalhar, que a pessoa procure uma casa. “Uma das coisas bonitas é quando o cara se apresenta pra mim pela força do Daime: ‘eles mandaram eu falar com o Sr.’ daí eu já sei o que é, né”. O preceito do Luiz não é trazer um médium em potencial do Daime para a Casinha, mas muitos acabam indo.

Quando eu comecei a ir mais intensamente, eu pensei: bom, eu vou levar alguns médiuns, então pode ser que alguém se encante pelo Daime e deixe a Umbanda, por enquanto não aconteceu. Aconteceu que vários de lá vieram pra Umbanda e também não deixaram o Daime. Que é o exemplo que eu mesmo dou. Eu sou tesoureiro da igreja do Cruzeiro do Sul. Tô bem entronhado lá e faço as duas coisas. Logo que eu comecei, uma pessoa me falou assim: “ah só tem uma pessoa no Brasil que faz as duas coisas que é a Baixinha”, aí eu falei assim: “se um macaco faz, todos podem fazer” e é o que tá acontecendo comigo e com outros médiuns aqui de fazer as duas coisas.

Nos rituais umbandistas do C.E.U do Luiz, são cantados alguns hinos daimistas, juntos com os pontos de Umbanda como o hino recebido pela Baixinha referente a Iemanjá: “Vem levantando do fundo do mar/a estrela azul em seu trono divinal/lá vem, lá vem para nos curar/a estrela azul em seu trono divinal/ela vem curar quem acreditar/a estrela azul em seu trono divinal”. Quanto às implicações do Santo Daime no trabalho de Umbanda, o Luiz explica:

A experiência que a gente tem tido, né. Tu vai lá num trabalho de Daime, vai de sexta pra sábado, faz um trabalho de 4h, seja o que for, aí, 8h depois, tu vem aqui num trabalho de Umbanda, tu sente que a entidade chega plena em ti, porque o Daime te depurou, né. Tu vomitou lá. Isso é uma coisa que as pessoas não entendem, tu botou pra fora as porcarias, entendeu. Tu te aliviou, dentro do trabalho, aquela música. Aí tu chega aqui, para um trabalho, por exemplo, um trabalho que eu fiz aqui no dia de Oxum, antes eu tinha feito um trabalho forte no Daime, à noite, lá e aqui, de tarde, lá terminou 8h, 9h da manhã e depois de tarde, aqui. Daí tu sente que aquela vibração interna da

entidade vem contigo e aí quem chega ali na tua frente só ganhou, né. Onde é que tu preparou isso? Lá. É fantástico essa união. A prática me mostrou isso. Teve um trabalho que a gente fez, levei 4, 5 médiuns daqui. Todos vieram comentar comigo: “Oxum me pegou e ela trabalhou que vinha de mim para as pessoas”, transbordando, né. E o que tinha acontecido? Tinha feito uma concentração maravilhosa, através do Santo Daime, e daí tu vê que união linda, né. Fomos lá, trabalhamos, vimos coisas, ouvimos coisas pra nós mesmos e aí viemos aqui e transpassamos isso pra quem entrou aí. Nós estávamos num preparo intensíssimo, viemos pra cá e trouxemos essa força pra quem chegar. Isso é um aspecto lindo disso.

## SINCRETISMO, BRICOLAGE, BUTINAGE

O sincretismo, para Bastide (1970, p. 101), “[...] consiste em unir os pedaços das histórias míticas de duas tradições diferentes em um todo que permanece ordenado por um mesmo sistema”. O autor desenvolve o conceito ao analisar a relação dos afro-religiosos com o catolicismo, propondo uma distinção entre dois tipos ou dimensões de sincretismos: o sincretismo religioso e o sincretismo mágico. O sincretismo religioso seria um movimento orientado por uma intenção combinatória, associativa, a partir de cosmologias justapostas, hierarquicamente caracterizadas por um “princípio de cisão” ou “de corte”, obedecendo a uma lógica da acumulação e da adição, mantendo a compartimentalização. O sincretismo mágico é uma espécie de vontade de formulação de sínteses, centrada na resposta pragmática a certos problemas individuais. É uma acumulação de poder simbólico, caracterizado pela metáfora da bricolage de Lévi-Strauss (tronco e os ramos), obedecendo a uma lógica de correspondências, mantendo o compartilhamento (Mary, 2000). Os dois modelos de sincretismo, o religioso (de cisão) e o mágico (de bricolage), não são rígidos ou estanques. Muito dificilmente poder-se-á afirmar, com certeza, a existência de um sistema-partida (Mary, 2000; Sanchis, 1994).

Groisman (1991, p. 89) propõe a ideia de ecletismo para a cosmologia daimista, retirando a noção do próprio estatuto do CEFLURIS. Assim, o

Santo Daime é, segundo sua autodefinição, uma instituição eclética. O “ecletismo evolutivo”, de acordo com Groisman, possibilita a convivência entre diversos sistemas cosmológicos, tais como a Umbanda, o espiritismo e o cristianismo, sendo um sistema totalizante, que engloba todos os aspectos da vida do sujeito.

É preciso, no caso, abordar com muito cuidado um possível caráter “sincrético” da doutrina. A idéia de sincretismo pode indicar a rejeição de uma linha mestra de aglutinação de concepções espirituais diferentes, o que não ocorre no campo simbólico da “doutrina” e que a caracteriza como fenômeno religioso *sui generis* [...] O ecletismo que envolve a “doutrina” dinamiza o processo ritual e abre espaço para que concepções rituais diversas [...] manifestem-se no seu interior [...] Este ecletismo então significa um marco de um grupo em expansão, na medida que existem mecanismos que os transmitem mesmo àqueles que se engajam, oriundos de outras realidades culturais (Groisman, 1991, p. 233-234)

Para o autor, a bricolage caracteriza a constituição do sistema religioso daimista. Para ele o fenômeno implica uma “bricolage simbólica”, pensando tal bricolagem não em termos de uma estrutura linguística, mas em termos de um código emblemático dinâmico, que, antes de produzir e promover tradição, impulsiona e aglutina pessoas em torno de uma dinâmica de “modernização pragmática”. Em seu interior, esse processo parece ser motivado, de um lado, por uma espécie de “empirismo espiritualista” – ou uma tendência de exploração dos limites da consciência humana, e, por outro, uma busca de “desenvolvimento espiritual” ou uma ideologia de “integração e reparação cósmicas” no contexto da “nova consciência religiosa” (Groisman, 2004).

Luiz Eduardo Soares (1994) coloca que a bricolagem, no Santo Daime, parece ser o modo da “cultura alternativa” realizar-se, inclusive a si própria. Sendo assim, entende-se porque o misticismo ecológico pode ser, em certo nível, tributário de uma cosmologia estruturada e, em outro nível, referência para errância, de cujo itinerário resulta um recorte particular, uma combinação própria, um arranjo singular dos paradigmas cosmológicos. Por isso, essa cosmologia antecede e sobredetermina as demais – aquelas

que os peregrinos da “Nova Era” puderem “deslocar” no caminho e encaixar na grade móvel, a que recorrem como à fonte. A operação de encaixe tem de ser, necessariamente, sempre diferente. Alguns procedimentos tendem, porém, a ser comuns.

Para Soares (1994, p. 210), no Santo Daime esse misticismo encontra um sistema igualmente flexível e, além disso, o enfrenta com seus próprios temas e focos e o resultado se inverte: a provisoriade tende a ser substituída pela adesão, pensada e vivida como permanente e definitiva, e a conversão se torna a estratégia de “alternação” (ressocialização radical). Ele diz: “O Santo Daime que dá as cartas da hermenêutica cruzada, muitas vezes, termina por anular o potencial de convivência e sobredeterminação da cultura alternativa e, por englobá-la, subordinando conjuntos de elementos da cosmologia alternativa a sua própria ordem simbólica”.

O conceito de “butinage” foi pensado por Edio Soares, Gilbert Rist e Yvan Droz, na Suíça, num contraponto à ideia de “bricolage religiosa”. “A palavra ‘butin’ é oriunda do baixo-alemão. Ela designa também o compartilhamento, o compartilhamento de alguma coisa que foi pega à outra pessoa ou à natureza. Por exemplo, o butin de um roubo ou de uma colheita, ou o butin que trazem as formigas, as abelhas. Da palavra ‘butin’ decorre o verbo ‘butinar’. Butinar é dividir o que recolhemos. As abelhas butinam as flores para procurar alimento dentro da flor e as dividem com todos os outros butinosos” (Soares, 2009, p. 29).

Segundo Edio Soares (2009, p. 67-68), a noção de “bricolage”, tal qual ela foi concebida por Claude Lévi-Strauss – de acordo com o qual é próprio a bricolage, religiosa ou não – é a recomposição pela permutação dos elementos ou dos registros religiosos “preconcebidos” culturalmente, quer dizer em conformidade com as origens. Nesse sentido não tem nada de uma “composição crente” deliberada e, sobretudo, sem obrigações. A bricolage lévi-straussiana se exerce no interior de um sistema simbólico preconcebido – a memória autorizada de uma tradição dada – onde o “bricolador” – que nada tem de um sujeito autônomo – joga com os materiais socioculturais do qual ele dispõe. A bricolage é, neste sentido, um jogo dialético que visa a refazer o que já foi feito. Ou seja, a estruturar, desestruturar e reestruturar

o que já está ali. Essa lógica combinatória não visa, então, às margens ou às bordas do inesperado, o que opostamente caracteriza um pensamento “engenhoso”. A butinagem é outra coisa além do que um arranjo de elementos em um universo religioso fechado. Ela é, a princípio, o que desvia, o que tira a repetição, à pura observação do que está prescrito por uma tradição religiosa dada. O que caracteriza a butinagem é, certamente, o compromisso perpétuo com a “estrutura religiosa” e suas observações, sendo essa estrutura composta de múltiplos registros religiosos.

Neste sentido, a butinagem é um arranjo entre o previsto e o imprevisível, entre o garantido e a abertura, o estruturado (a tradição) e a estrutura (a realidade cotidiana do butinador), quer dizer, entre o *pré* e o visível, e também os invisíveis. É nesse arranjo, os múltiplos *entre*, que se representa a criação, a fabricação. Como podemos observar, na inserção da Umbanda no Santo Daime, a partir de uma presença inesperada – o macumbeiro Ceará, a interpretação daimista dessa experiência e, posteriormente, a adesão da mãe de santo Baixinha ao Daime, revigorando a importância que o Exu passou a ter na doutrina, bem como o panteão umbandista e o desenvolvimento mediúnico – a incorporação, criando a Umbandaime.

Como um beija-flor, “[...] o praticante butina de uma ‘denominação religiosa’ a outra, recriando e fabricando sentido, no ‘perfume’ cada vez mais específico e renovado” (Soares, 2009, p. 267). O beija-flor, na doutrina daimista, é visto como o espírito do próprio ser divino polinizador do Mestre Irineu e do Padrinho Sebastião, contido na ayahuasca/daimé e em sua expansão para o mundo inteiro. Os daimistas identificam com essa metáfora, considerando-se hoje em dia todos “[...] beija-flores que estão fazendo o seu jardim e polinizando outras flores”. O jardim pode ser associado ao processo de butinagem e às flores as outras cosmologias religiosas. Como analisou Goulart (2004, p. 113), a Umbandaime vai “[...] fundir elementos da Umbanda e do Santo Daime, criando outra estética e simbologia ritual, e reordenando a cosmologia destas duas religiões num novo sistema”.

Numa lógica própria, do que Wladimir Sena de Araújo (1999) definiu como “cosmologias em construção”, a doutrina daimista engloba e ressignifica elementos provenientes de diversas tradições: de grupos indígenas, da

tradição afro-brasileira, do espiritismo kardecista, do esoterismo europeu, do catolicismo popular e do universo da “nova era”. O Santo Daime está sempre em construção, a partir de uma “doutrina viva”. A Umbandaime está em pleno desenvolvimento e sendo construída e reconstruída a partir da experiência cotidiana, na prática. De acordo com Law (2004), práticas sobrepõem-se de diferentes e imprevisíveis maneiras, portanto, há sempre interferências entre as diferentes realidades. Podemos ver como a prática na Umbandaime, no Rio Grande do Sul, amplifica-se para além das relações sociais, para ser construída na rede de elementos humanos e não-humanos. Veja o depoimento do Luiz:

É um estudo que tá em andamento, você sabe que a gente tá aprendendo, tá vendo. Eu vejo as correlações. Por exemplo, o Daime tem a linha do Tucum. O Tucum, uns dizem que é o cipó, outros dizem que é uma arvorezinha que faz que nem um cipozinho, assim, que não quebra, que é uma força. Quando um ser desses vem em ti, é uma força assim. Eu costumo comparar com a Guarda Pretoriana, sabe, aqueles soldados fortíssimos. Puxa o que é isso? Quem são eles? Como que eles são? Será que eles são da linha do Ogum? Em quê? Da linha de Ogum, de Oxossi, de Xango? Que são caboclos fortes, lutadores. Então tem essa linha, eu estou estudando isso. Recebendo eles, às vezes eu tô aparelhando, eles tão lá no Daime. Como é que significa isso, assim? A gente tá estudando.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

MacRae (2000) realiza uma análise introdutória a respeito das relações do Santo Daime com as tradições espíritas e umbandistas. Ele parte de um conceito emprestado de Cândido Camargo, segundo o qual há um *continuum* mediúnico brasileiro religioso: num polo estão as vertentes mais africanas da Umbanda e, no outro, o espiritismo kardecista mais ortodoxo. O autor afirma que a doutrina daimista, através de concepções como *karma*, evolução espiritual, doutrinação de espíritos, reencarnação, noção de pessoa etc., localiza-se no polo mais branco ou kardecista do *continuum* mediúnico,

apesar de agregar elementos da Umbanda. O autor sustenta que haveria uma dificuldade de relacionamento entre o Daime e a Umbanda.

Esta ideia de *continuum* não parece se adequar à Umbandaime, pelo menos no Rio Grande do Sul, e o sincretismo presente nessa cosmologia não pode ser entendido do ponto de vista linear, de um polo a outro. A teoria da bricolage não dá conta de explicar esse sistema religioso,

[...] não minimizando o alcance das reflexões sobre a bricolage religiosa nos seus estados mais diversos (ecletismo teológico, composição crente etc). Elas representam um esforço considerável de compreensão de transformação do religioso, de suas formas de expressão na ‘modernidade religiosa’ e das práticas que decorrem dela. Trata-se mais de acrescentar às suas reflexões elementos que podem, sobre o plano das práticas, dar conta de uma dinâmica religiosa que escapa aos imperativos socioeconômicos e políticos de um tempo e de um lugar dado. (Soares, 2009)

Acredito que a butinage caracterizaria a constituição do sistema religioso do Santo Daime e da Umbandaime, e levanto a hipótese de estar estruturada como uma rede (Latour, 2002), dentro de uma lógica de conexões. E não de superfícies, definidas por seus agenciamentos internos, não pelas fronteiras e limites demarcados pelas instituições religiosas.

A noção de rede de Latour é bem próxima da noção de rizoma, elaborada por Deleuze e Guattari (1995), como modelo de realização das multiplicidades. Diferentemente do modelo da árvore ou da raiz (que se aproxima da bricolage), que fixam um ponto, uma ordem, no rizoma qualquer ponto pode ser conectado a qualquer outro. Na bricolagem, a metáfora do tronco e dos ramos, utilizada por Lévi-Strauss (1976), refere-se à estrutura (tronco), ocorrendo a bricolage mais nos ramos do que no tronco. Lévi-Strauss (1976) sublinha que a bricolage ocorre com os ramos, não chegando a colocar em cheque o equilíbrio estrutural que é mantido pelo tronco. A bricolage nunca afeta a estrutura, como tal, é a estrutura que afeta os elementos. A bricolage é colagem, incorporação, o sujeito tem uma base e ele começa a transitar e incorporar, mas não afetando a base, que é estrutural, e não muda.

Para Latour (2002), tal como no rizoma, na rede não há unidade, apenas agenciamentos; não há pontos fixos, apenas linhas. Assim, uma rede é uma totalidade aberta capaz de crescer em todos os lados e direções, sendo seu único elemento constitutivo o nó. Uma rede de atores não é redutível a um ator sozinho, nem a uma rede, mas composta de séries heterogêneas de elementos, humanos e não-humanos conectados, agenciados. Ela é, simultaneamente, um ator, cuja atividade consiste em fazer alianças com novos elementos, e uma rede capaz de redefinir e transformar seus componentes. O conceito botânico de rizoma diz<sup>22</sup>:

Rizoma é a extensão do caule que une sucessivos brotos. Nas epífitas é a parte rasteira que cresce horizontalmente no substrato. Ele pode ser bem extenso e semelhante a um arame ou bem curto, quase invisível. Dele partem o caule, pseudobulbos e raízes. Na espécie de *Zygopetalum maxillare*, quase sempre associada a uma samambaiçu, o comprimento do rizoma entre os pseudobulbos pode variar. Elas produzem pequenos pseudobulbos seguidos por um longo trecho de rizomas e em seguida outro pequeno pseudobulbo, até alcançar a coroa da samambaiçu na qual forma feixes e a floração aparece. Nas espécies terrestres o rizoma pode estar no subsolo ou na superfície do solo.

Nesse sentido, podemos metaforizar que o processo de butinage é o jardim do beija-flor, tendo a base de um rizoma. O beija-flor, praticante, articula diferentes conteúdos religiosos (flores) em uma só prática religiosa, no caso a Umbandaime. Essa prática equivaleria, pela analogia, a uma ubiquidade religiosa: “O Criador está presente em todo lugar ao mesmo instante e o praticante está presente em todo lugar na prática da butinage religiosa” (Soares, 2009).

Ao incorporarmos, abrimos o leque mediúnico para outras consciências: femininas, masculinas, andrógenas, joviais, infantis, maduras, guerreiras, nobres, caçadoras, ou seja, toda a possibilidade de termos as consciências mais múltiplas, como é o próprio universo do Deus Criador. Sim, todas as

---

<sup>22</sup> Disponível em: <http://rizomas.net/filosofia/rizoma/77-o-conceito-botanico-de-rizoma.html>. Acesso em: 18 de out. 2010.

entidades podem trabalhar no Santo Daime, ao incorporarmos as entidades associadas a outras tradições (kardecista, candomblé, catimbó, orientalismo, Umbanda, etc) estamos recebendo-as dentro de um aparelho energizado pela presença do Santo Daime. As entidades que chegam são apresentadas ao Mestre e ao Padrinho Sebastião e logo entendem que o trabalho espiritual sob a proteção de Jesus Cristo, é uma forma de evolução do médium para o caminho da ética da luz e da própria entidade que pode praticar a caridade de iluminar-nos com seus conhecimentos específicos de cada corrente<sup>23</sup>.

Assim, não há um beija-flor do qual emana a *fabricação* de seu jardim, mas uma rede heterogênea de atores, humanos e não-humanos, conectados.

## REFERÊNCIAS

ALVES JUNIOR, Antônio. *Tambores para a Rainha Floresta: a inserção da umbanda no Santo Daime*. Dissertação de mestrado em Ciência da Religião. São Paulo, PUC, 2007.

ALVERGA, Alex Polari de. Introdução ao Evangelho de Sebastião Mota. In: MOTA, Sebastião. *O evangelho segundo Sebastião Mota*. (Org.). ALVERGA, Alex Polari de. Impresso pela Folha Carioca para CEFLURIS Editorial São João, 1998.

ARAÚJO, Wladimir Sena. *Navegando sobre as ondas do Daime: história, cosmologia e ritual da Barquinha*. São Paulo: Ed. da Unicamp, 1999.

BASTIDE, Roger. Mémoire collective et sociologie du bricolage. In: *Année Sociologique*. Troisième série, v. 21, Paris: Puf, 1970.

CEMIN, Arneide. O ritual do Santo Daime: sistemas de montagens simbólicas. In: LABATE, Beatriz Caiuby; ARAÚJO, Wladimir Sena (Orgs.). *O uso ritual da ayahuasca*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 2002.

---

<sup>23</sup> Informante.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: Rizoma. In: *Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2005.

GOULART, Sandra Lúcia. O contexto de surgimento do culto do Santo Daime: formação da comunidade e do calendário ritual. In: LABATE, Beatriz Caiuby; ARAÚJO, Wladimir Sena (Orgs.). *O uso ritual da ayahuasca*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 2002.

\_\_\_\_\_. *Contrastes e Continuidades em uma tradição Amazônica: as religiões da ayahuasca*. Tese de doutorado em Ciências Sociais. Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 2004.

GROISMAN, Alberto. *Eu venho da floresta: ecletismo e práxis xamânica daimista no Céu do Mapiá*. Dissertação de mestrado em Antropologia Social. UFSC, 1991.

\_\_\_\_\_. *Eu venho da floresta: um estudo sobre o contexto simbólico do uso do Santo Daime*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.

\_\_\_\_\_. Missão e Projeto: motivos e contingências nas trajetórias dos agrupamentos do Santo Daime na Holanda. In: *REVER - Revista de Estudos da Religião da PUC, São Paulo*. n. 1, ano 4, 2004.

LATOUR, Bruno. *A Dialogo in Actor Network Theory*. Disponível em: <http://www.ensmp.fr/~latour/articles/article/090.html>, 2002. Acesso em: 15 de out. 2010.

LAW, J. *After method: mess in social science research*. London; New York: Routledge, 2004.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. Campinas: Papyrus, 1989.

MACRAE, Edward. *Santo Daime y la espiritualidad Brasileña*. Quito: Abya-Yala, 2000.

MARY, André. *Le bricolage africain des héros chrétiens*. Paris: Le Cerf, 2000.

PELÁEZ, Maria Cristina. *No mundo se cura tudo. Interpretações sobre a “cura espiritual” no Santo Daime*. Mestrado em Antropologia Social, UFSC, 1994.

SANCHIS, Pierre. Pra não dizer que não falei de sincretismo. In: *Comunicações do ISER*. Rio de Janeiro, n. 45, 1994.

SOARES, Luiz Eduardo. O Santo Daime no contexto da Nova Consciência Religiosa. In: *O Rigor da Indisciplina: Ensaio de Antropologia Interpretativa*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

SOARES, Edio. *Le Butinage Religieux: pratiques et pratiquants au Brésil*. Paris: Éditions Karthala, 2009.